



*A Escola
na Rolança
do Tempo*

Augusta Romão da Veiga Branco

Ao Dr. Rui Fernandes, meu Professor de Psicologia de Educação e de História da Educação, no Curso de Pedagogia Aplicada ao Ensino em Enfermagem. Por tudo o que me ensinou ou me motivou para aprender. Os conteúdos e o momento são-lhe definitivamente dedicados.

À Lara Luís, minha filha.

A todos os professores... de todos os tempos.

*O produto da venda deste livro deverá reverter
a favor de Instituições de Solidariedade Social*

Título: A ESCOLA NA ROLANÇA DO TEMPO

Autor: Maria Augusta Romão da Veiga Branco

*Edição: Junta de Freguesia da Sé
(Presidência de Paulo Jorge Almendra Xavier)*

Ano: 2002

Fotografia Capa: Helder Jaime Fernandes - Estudante da ESEnf. Br. - IPB

Fotocomposição, Fitolito e Offset: Tip. Artegráfica Brigantina - Bragança

Tiragem: 500 Exemplares

Depósito Legal: 181634/02

ÍNDICE

PREFÁCIO	
NOTA DE INTRODUÇÃO.....	13
A ESCOLÁSTICA NO CLAUSTRO.....	19
A ESCOLÁSTICA NO CLAUSTRO - JOGRAIS.....	25
A ESCOLA TRADICIONAL.....	33
A ESCOLA TRADICIONAL - JOGRAIS.....	39
A ESCOLA NOVA.....	47
A ESCOLA NOVA - JOGRAIS.....	53
PARA UMA ESCOLA PROMOTORA DE SAÚDE.....	61
ESCOLAS PROMOTORAS DE SAÚDE - JOGRAIS.....	67
Concluindo.....	75
PÓS FÁCIO	
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	

PREFÁCIO

Foi com satisfação que aceitei o convite para prefaciá-lo trabalho *A ESCOLA NA ROLANÇA DO TEMPO* da autoria da Mestre Maria Augusta Branco. Tive a oportunidade de partilhar uma parte do seu percurso académico, altura em que observei e apreciei o empenho e o entusiasmo com que a Dr.^a Augusta Branco se entrega aos projectos, mas mais que a estes, às ideias. Essa sua forma de estar, associada à paixão com que partilha o seu saber, é cativante, especialmente para quem, por vocação, se entregou às questões da Educação, na forma de professor. Atrevo-me a classificar a sua actividade intelectual recorrendo a duas imagens, a primeira é a de uma esponja que tudo quer absorver, pelo prazer de aprender por aprender, relativamente à segunda, na prática científica ela é como uma peneira onde tudo é permitido entrar, mas apenas as pepitas de ouro são seleccionados.

No tempo em que vivemos, é importante reabrir a discussão do que devemos entender por Educação, e que papel desejamos que a escola desempenhe no processo de construção do futuro... e que futuro? Deverá a Escola ser o centro ou um complemento da formação que pretendemos dar ao cidadão e que é concomitantemente nosso filho? Que responsabilidades cabem à escola? e à Família? e ao Estado? e aos pais? e aos educadores? e à comunidade em geral? Estas são algumas das muitas questões com que nos debatemos hoje. As respostas não são fáceis, requerem estudo e, sobretudo, uma compreensão alargada do problema que

nos propomos contribuir para a sua eventual resolução. As crianças, tal como as educamos, são as mensagens que enviamos para um futuro que desconhecemos.

Nós somos essa mensagem, mas parece que não sabemos como a decifrar. Na realidade estamos confusos com o que efectivamente em nós se afirma. Nós, cidadãos comuns, mesmo os mais educados, não somos a verdade. Na prática querem-nos obrigar a aceitar que a verdade é propriedade de uns poucos que, ... "e vai lá saber-se porquê", se consideram possuidores do conhecimento absoluto que lhes ilumina de tal forma, que são eles que sabem o que efectivamente é bom para nós.

Ao ler *A ESCOLA NA ROLANÇA DO TEMPO*, não pude deixar de me recordar dos dias de convívio intenso com o saudoso Professor Paulo Freire, que me deixou como recordação um gesto e uma frase que ao longo dos anos me tem inspirado e guiado na minha actividade profissional como docente universitário. Com as duas mãos juntas, ligeiramente sobrepostas, e com as palmas viradas para cima, dava-nos como desafio "pôr nas mãos do povo a sua própria história e deixá-lo escolher a sua felicidade, ... escolhendo o seu futuro...". Este desafio exige conhecer a história e o que ela nos ensina, e se estivermos verdadeiramente atentos, a própria história indica-nos o caminho a seguir evidenciando-nos os atalhos com que a infelicidade dos menos favorecidos se constrói. Encontrar o trilho adequado a ser percorrido por professores, implica tomar consciência da história das ideias que inspiraram a concepção de Educação que herdaram.

Ser professor é ter o privilégio de acompanhar o crescimento e a maturação intelectual dos outros. São momentos de Felicidade aqueles em que os alunos honram os que de uma forma ou outra participaram na sua formação. O verdadeiro sucesso do professor realiza-se na criatividade e produtividade dos seus alunos.

O trabalho que me foi dado a apreciar foi lido com interesse e do qual retirei

alguns ensinamentos. Na sua essência, porém, tendo por autor quem tem, em pouco me surpreendeu, na medida em que me habituei às reflexões mais profundas, à busca pelas raízes, mesmo que as mais remotas, dos factos ou fenómenos a estudar.

A ESCOLA NA ROLANÇA DO TEMPO é o espelho do humanismo construtivista que reflecte a imanência de quem a escreveu. Neste trabalho, as preocupações académico-científicas da Dr.^a Maria Augusta Branco alicerçam-se numa preocupação com o rigor histórico e filosófico. Os factos são mais do que nos é dado a observar, eles são, sempre, o produto-circunstancial de um conjunto de processos que as mentalidades, de cada tempo histórico-cultural, moldaram para dar resposta ao que é percebido como “a nova realidade”.

Uma leitura atenta permite-nos identificar, nas práticas dos contextos onde ocorrem os nossos afazeres profissionais, algumas reminiscências. Somos diferentes, mas não tanto quanto julgamos ser. Somos inovadores, mas reproduzimos mais do que inventamos. Procuramos nos números a validação da nossa objectividade e acabamos por nos afastar das razões fundamentais que deveriam orientar a nossa praxis profissional.

Se isto se pode aplicar aos professores em geral, julgamos ser ainda mais pertinente fazer tal afirmação para os agentes intervenientes nos processos de restituição da saúde.

Erradamente, ao longo de muitas décadas, atribuiu-se a responsabilidade ou o saber sobre as questões da saúde ao domínio médico. Confunde-se saúde com doença. É possível saber de saúde sem se saber intervir na doença e vice-versa. Os problemas da saúde são os problemas de todos nós, mas a doença como problema requer a intervenção especializada de quem foi treinado para tal. A obra que nos é apresentada é um relembrar deste facto que, por razões que envolvem interesses e

relações de poder, por vezes envolto em discursos políticos, parece querer fazer-nos esquecer que a saúde, porque se constrói com a educação, é uma obrigação colectiva e que em circunstância alguma deverá ser delegada em poucos.

A ESCOLA NA ROLANÇA DO TEMPO convida-nos a reflectir sobre o que tem sido a escola, tal como está deve ser entendida nas suas várias facetas e dimensões. Ao ler este trabalho ficamos com a impressão que está inacabado, que lhe falta algo, ... mas o quê? Mais informação? Mais texto? Mais descrição? Mais reflexão? Estas são questões múltiplas e vagas que são mais o estado em que ficamos depois de o ler. Porque é simples e é bom, ... gostamos e por isso mesmo queremos mais.

Resta-nos aguardar as novas obras da autora

José J. B. Vasconcelos Raposo

*Professor Associado com Agregação com Psicologia - UTAD,
Vila Real*

*Pró-Reitor da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro na
Extensão de Miranda do Douro*

NOTA INTRODUTÓRIA

Quando se pensa no percurso da educação, pensa-se de uma forma geral nos percursos pessoais, num olhar relâmpago para um presente, que emerge de um passado sempre breve, de ontem. E neste contexto costumamos constatar admirados, que estamos sempre ainda longe, do que as expectativas educativas do país ou das comunidades em geral, entendem como educação.

Neste início de século, além das questões formativas do ponto de vista da literacia para os conteúdos programáticos e da formação pessoal e social, consideram-se também inclusas aos currícula escolares, as intervenções formativas para a saúde. Esta questão, que iniciou já nos anos 80 do século passado, viria responder a um conjunto de problemáticas... desde a pandemia da SIDA bem como das DST, até aos fenómenos de enfermidades sociais, tais como as adições a drogas legais e ilegais e até aos fenómenos predadores do equilíbrio ecológico, observáveis em comportamentos sobre os contextos do ambiente.

Se a formação escolar está ainda longe da resiliência tão necessária para se confrontar com os desafios da vida, também é verdade que já não é - nem em intencionalidade nem em finalidade - o que ao tempo da escolástica se preconizava por formação. Mas ainda muito há para fazer no sentido de formar para a Promoção da Saúde, em Escolas Promotoras de Saúde... em que os alunos aprendem a aprender a ser capacitados, ou seja, responsáveis pela sua própria saúde.

A construção deste humano percursor do Projecto de Si, inerente à promoção de si próprio, como um indivíduo activo, atento e participativo em todos os espaços de decisão e interacção, está a dar os primeiros mas seguros passos.

Mas o que aqui se pretende recolher, é um olhar algo longo e reflexivo dessa rolação do tempo pela qual a escola foi passando... e como esses meandros foram determinantes em alguns traços característicos que ainda hoje revela.

Este documento pretende de uma forma simples e algo criativa fazer alusão ao tipo de intencionalidade educativa que foi mobilizando as tradições, as decisões e as rupturas, pelas quais o Processo Ensino/Aprendizagem foi passando... até ao pensamento integrador da saúde nos curricula escolares.

PORQUÊ ESTE DOCUMENTO?

Este documento constituiu a apresentação de “um olhar para a Escola através do tempo”, e foi elaborado e pensado originalmente, como espaço reflexivo integrado num Seminário submetido ao tema “Escolas Promotoras de Saúde”.

Este Seminário foi apresentado durante o Curso de Mestrado em Promoção/Educação para a Saúde, na UTAD, Vila Real, no ano lectivo de 1997/98, pelo grupo de mestrandos: Maria Augusta Romão da Veiga Branco, autora deste documento; Nuno Corte-Real Alves, professor de Educação Física integrado no Projecto PES, Isilda Teixeira Rodrigues, professora de Biologia da Universidade de Trás os Montes e Alto Douro e Maria do Céu Santos Silva, Enfermeira Chefe do Centro de Saúde de Lamego. Estes - Mestres em Promoção/Educação para a Saúde - eram ao tempo mestrandos, e foram os constituintes desse grupo de trabalho.

A finalidade deste Seminário, apontava para uma exposição relativa ao sentido e finalidades das Escolas, como entidades Promotoras de Saúde. Mas pareceu-nos que poderíamos convidar os assistentes a fazerem o seguinte percurso: Falar das Escolas do presente, perspectivando o seu futuro, e convidando os presentes a pensar e falar um pouco do seu passado...porque muito poucos factos na vida são obra do acaso.

Assim, tomando a ideia do truão medieval, o grupo assumiu o papel do Jogral¹

¹ Jogral - aqui pensado e representado como o individuo que “...cantava versos alheios e que por vezes compunha alguns...” (in Dicionário da Língua Portuguesa, Porto Ed.1997) no sentido de expor alguns factos da vida social e cultural.

Os Jograis tiveram uma forte representatividade na cultura falada medieval: eram recitadores, cantores e músicos ambulantes, que apresentavam o seu repertório em poemas e narrativas versificadas para o público iletrado de vilões, burgueses ou nobres, servindo-se das línguas e ou dialectos locais, inspirados em cenas da vida e interesses do público.

de então, e desta forma, foi exposta a Escola como um conjunto de vivências ao longo do tempo, mas situando-a em quatro momentos... através de personagens, que a irão identificar, iniciando com a concepção Escolástica medieval, continuando pelo modelo de Escola Tradicional, depois fazendo alusões à Escola Nova e finalmente a Escola Promotora de Saúde.

Esta metodologia foi preferida, por nos ter parecido ser menos maçuda e mais agradável, do que um documento contextualizado, que em conclusão, não teria muito mais a acrescentar ao conhecimento, do que os trabalhos académicos elaborados normalmente, com conceitos e conclusões que não podem ser muito mais, do que os que são retirados dos compêndios.

A selecção da estratégia, fundamentou-se na convicção de que, como descreve Lesne (1976), «ninguém ensina ninguém, aprendemos uns com os outros quando as circunstâncias são favoráveis».

Vamos então recuar um pouco no tempo... tentando perceber os caminhos que as Escolas foram experienciando ao longo dos séculos... até aos nossos dias... apresentando uma retrospectiva sócio-histórica e cultural da Escola. Assim, será a Sociedade, a Escola, o Professor e o Aluno, os personagens que vão identificar cada um dos quatro momentos por onde passou e está a passar a Escola:

A ESCOLÁSTICA NA ESCOLA DO CLAUSTRO

A ESCOLA TRADICIONAL

A ESCOLA NOVA

ESCOLA PROMOTORA DE SAÚDE...

O que aqui se apresenta é portanto uma perspectiva “pessoal” do ponto de

vista de cada uma das personagens, dentro de cada uma das correntes pedagógicas identificadas.

Não tem tanto a pretensão do rigor cronológico e técnico... mas mais absorver a perspectiva da passagem dessas personagens ao longo do tempo... para poder despertar os eventuais leitores, para os fenómenos socioculturais que foram ocorrendo... como eles foram um contributo de maior ou menor valia, para ir delineando um perfil a cada uma das escolas... e também as questões que podem ser levantadas, a partir de cada mensagem que vai sendo exposta pelos personagens.

Também não está implícita a pretensão de estabelecer limites temporais para cada uma das concepções educativas (escolas) e não se pretende sequer estabelecer uma corrente ordenada de acontecimentos. Como se verificará, entre a "escolástica" e a "tradicional" decorrem séculos. Não poderia, num documento tão sucinto, e exposto por Jograis, integrar-se todo o manancial de acontecimentos que decorreram desde a Antiguidade Cristã e Idade Média que vão desde o sec.III ao sec.XIV, e até mesmo, o Crepúsculo da Idade Média que pode situar-se entre os sec.XII e XV.

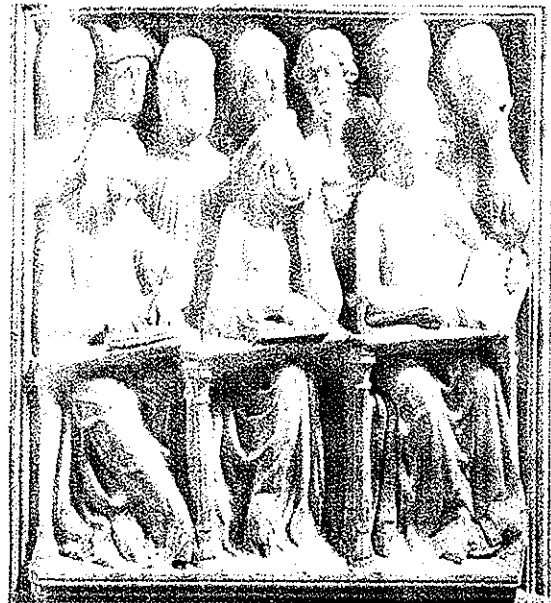
Os monólogos em verso, aludem a fenómenos que marcaram mudanças e vivências, acerca das quais, se convidam os leitores a reflectir, para abrir espaços de diálogo, entre os que têm à sua responsabilidade estes percursos de aprender e ensinar.

Dou-me conta, de que ao longo dos anos de docência, foi sempre para mim mais importante, o que eu poderia fazer pela escola... pelos alunos, e não o que a escola poderia fazer por mim.

A ESCOLÁSTICA² NO CLAUSTRO

O texto poético que se apresentará tenta fazer alusão aos fenómenos socioculturais ligados à Escolástica, ao tempo da Idade Média, e do forte impacto que o movimento do cristianismo teve, substancialmente porque os elos de ligação com a religião - que terá sido alvo de movimentos mais ou menos eficazes para a sua extinção - nas antigas civilizações clássicas greco-romana decadentes. As concepções do cristianismo emergiriam na Idade Média com uma fé que abarcaria toda a vida, desde os primeiros passos na vida e na formação.

A alusão à Escolástica encontra razão, no facto de ter sido este o método (filosófico) de ensino na Escola medieval - sobretudo a partir de S. Tomás de Aquino (1225-1274) - ao congregar a razão, a fé, a filosofia e a teologia. Em suma procurou integrar, num sistema coerente, a filosofia aristotélica ao dogma cristão.



² A filosofia mencionada como escolástica é (Cottingham, 1986) o sistema derivado fundamentalmente de Aristóteles, que se desenvolveu no sec.XII, e continuou de uma ou de outra forma a dominar muito do pensamento europeu durante os últimos períodos medieval e do Renascimento. A "escolástica desenvolveu-se essencialmente da fusão da filosofia de Aristóteles (conhecido na Idade Média como "o Filósofo") e a doutrina da Igreja Cristã. Foi a necessidade de reconciliar as reivindicações da «fé» e de «razão» que viria a produzir as técnicas poderosas de argumentação e análise, que caracterizavam a filosofia escolástica.

Roger Gal (2000:50) aponta Escoto, sucessor do abade de Fulda e mestre na Escola do Palácio, como "... o primeiro a recorrer à indução «para passar das coisas visíveis à contemplação pura das coisas espirituais» e, ao aplicar a dialética à teologia, terá sido o precursor da famosa escolástica."

Toda a representação de desenvolvimento se identificava com o significado e sentido que o mundo (ocidental) tinha de Deus, e das formas como a Igreja fazia sentir esse significado.

As expressões de arte, tal como todas as actividades de vida, tiveram uma orientação teocentrica: ouvir missa era uma actividade de vida... a Igreja era o lugar de culto, de reuniões, de deliberações, de espectáculos (trovadores, jograis, de representação de autos e mistérios), de abrigo e refúgio.

Nas sociedades medievais, fortemente hierarquizadas, aprender, tinha como único sentido a ligação aos estudos teológicos, para o clero, alguns nobres e alguma nova burguesia. Os escravos por não serem classe social, não eram escolarizados, e no global, constituíam a mão-de-obra necessária (capturada, donde a necessidade de guerras) para servir as propriedades senhoriais. Assim, e sucintamente, terão sido os nobres e o clero os alunos do espaço do claustro. Posteriormente, foi-se formando uma classe, conscientemente à parte, de "intelectuais" e "sábios", que não raro emergem do povo, mas privilegiados por serem próximos do clero e da nobreza: eram "lentes" das Universidades de então, os tabeliães, os advogados, os físicos, os boticários... que por razão de ofício eram letrados, e portanto fizeram instrução.

De facto e em geral, a cultura medieval era muitíssimo baixa, só o clero, parte da nobreza e seus filhos, e alguma burguesia é que puderam ter acesso à alfabetização. Os materiais escolares caros e raros, a falta de transporte para os centros de ensino e a natural despreocupação dos pais com a formação dos filhos (à excepção dos que eventualmente viessem a constituir o clero), a produção de manuscritos cara e rara... tudo em conjunto, tornou possível o facto de ter sido a Igreja, a chamar a si a função da instrução.

De intencionalidade educativa não se falava. Não havia escolas propriamente ditas do ponto de vista formativo/educativo, do humano em formação; quase toda a preparação estava legitimada pelo teocentrismo.

As invasões bárbaras ao desabarem sobre o que tinha sido o Império Romano, acabaram por fazer perigar não só a cristandade, mas também a civilização constituída como tal ao tempo. Nesta subversão global, de conflitos, confusão e perda de estruturas, virão a ser os Mosteiros que existiam na Europa, um pouco por toda a parte, as estruturas que se terão vindo a tornar no refúgio da cultura e civilização. Estas instituições atravessaram todas as agitações socioculturais que abalaram a Europa do sec.III ao sec.IX, e mesmo assim sobreviveram, tanto em estrutura como em função. Tudo o que é salvo das invasões, é mantido e tornado de sua propriedade, pelo que é aí que serão copiados os manuscritos dos autores antigos... e será nestes espaços afastados da vida lá fora, que se continuará a ensinar o latim que noutros espaços se deturpava por falta de ensino e aplicação.

Assim é compreensível que as célebres abadias do Monte Cassino em Itália, de S. Victor e de Cluny em França, de S. Gall na Suíça, de Fulda e Hirschau na Alemanha, de Canterbury na Inglaterra, de Armagh na Irlanda, se viessem a tornar as pontes culturais e natural enclave cultural, para poderem tornar-se a expressão da educação ao longo da Idade Média, como o elo que une o mundo antigo e o mundo moderno.

A necessidade de formação aos seus sacerdotes, manteve a Igreja sempre ligada à actividade da instrução, pelo que foi organizando, em redor dos seus bispados, as escolas episcopais onde leccionavam bispos e mais tarde os professores especiais.

Na alta Idade Média (sec.V-VIII) em quase todos os conventos e mosteiros os monges ensinavam os próprios religiosos a ler, a escrever, e naturalmente, a conhecer os princípios teológicos fundamentais. Para o efeito, reuniam-se em salas muitas

vezes escuras e frias, que prefigurarão - pela sua planta - o que alguns séculos depois, se chamará de escola tradicional: filas de carteiras, onde alunos passivos esperam ser «enformados», frente ao Mestre, dominante, detentor do saber e do poder.

A Igreja detinha, nestas escolas, um verdadeiro monopólio, e embora aceitasse alunos não religiosos, estes eram poucos e naturalmente muito seleccionados, de acordo com os critérios da própria Igreja.



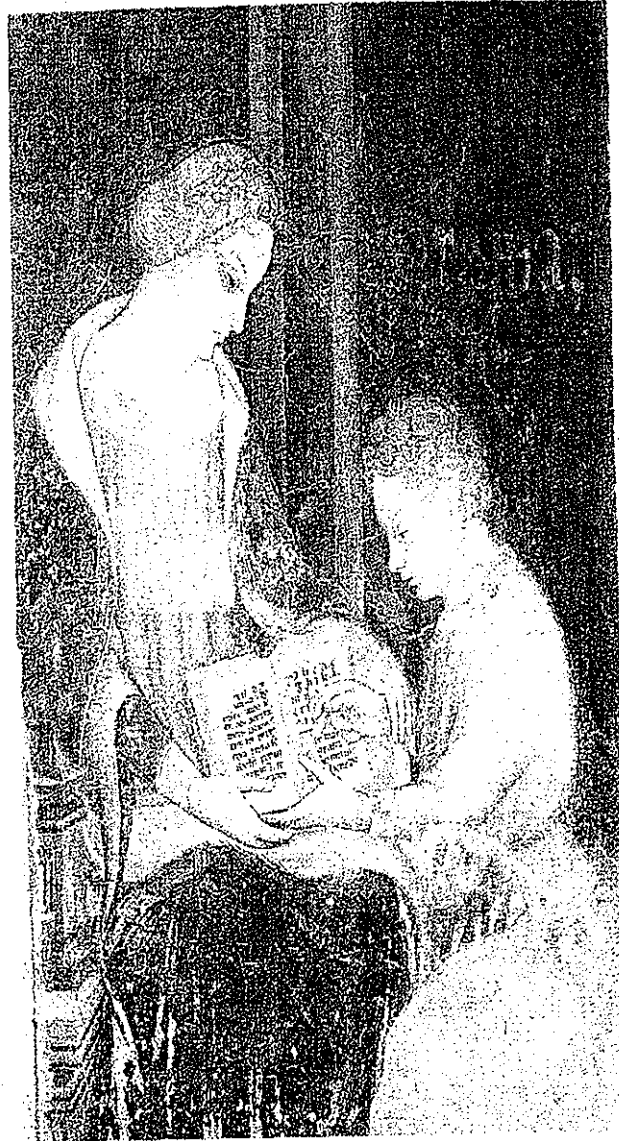
Toda a conjuntura foi tornando os espaços clericais orientados para a actividade da formação, e portanto toda a formação teve ao tempo uma fortíssima componente teocêntrica. Esta realidade só viria a alterar-se um pouco, com o contributo de Carlos Magno, ao investir na formação e criando as chamadas Escolas do Palácio. Esta atitude do senhor feudal, veio reforçar e encorajar os mosteiros, a formarem escolas para melhor formação (do clero, para os senhores feudais e seus filhos). Estas, viriam a conhecer um desenvolvimento considerável no seu espaço do claustro.

Nos sec. X e XI, estas escolas vivem um lento percurso de desenvolvimento, mas em breve, e tal como expõe Gal, (2000:52), «...já não é possível abrigar no claustro da catedral todos os alunos... e é então que os clérigos organizam, na cidade, salas onde têm o direito de leccionar...»

É com esta deslocação do espaço do claustro para o espaço da cidade, ao haver necessidade de obter «licença» de ensino, concedida pelo chanceler ou scholasticus - designado pelo bispo para vigiar os professores - que se virão a encontrar os primeiros «licenciados».

E assim a escola do claustro expande-se em espaço, mas sem deixar de se manter vinculada à escolástica, ao enciclopedismo e aos valores teológicos.

A partir do sec. XII, foram começando a aparecer escolas laicas, "comunais", mas que apesar de tudo, não se distinguirão, nem em organização e estrutura e nem na aplicação da sua didáctica, das escolas conventuais que no fundo lhe serviram de modelo.



A Escolástica no Claustro

JOGRAIS

Na Escola... havia os bancos, a vara, a régua
furada.

Aprender... era com o quadro negro e a lousa...
e com o lápis de pedra e o pano... dantes era
assim.

Paulo Xavier,

Presidente da Freguesia da Sé

*SOCIEDADE: Sou quase toda de escória;
Sou quase toda insalubre,
Sou quase toda miséria.
O q' é isso de saúde?
O q' é isso de virtude?
Se me faço de arruaça
Se vivem na mesma praça
Na lama, aos pés de quem passa
O menino, o beerrão
As mulheres desguedelhadas,
Pela vida maltratadas,
No cheiro a podridão.
Ao lado as pestes, a escória
Com séculos de triste história
Sem meios, sem conhecimento,
Sem limpeza,
Nem sequer comportamento
De humana delicadeza.
Os outros, os dos castelos,
Das casas senhoriais
Que vivem nos arraiais
Com criados, mordomias
Q' iguais a estes, são tais
Que vivem com regalias,
Estão longe e escondidos,*

Dentro de muros, de posse
Mas se o dinheiro não fosse
E as ligações ao poder,
Iriam também morrer
Na lama das minhas ruas.
Que são tão bárbaros os tais
Que são pior que os demais.
Doenças? Têm as suas!
Se têm Escola?, não sei...
Se a há, não sei o que é,
O que será uma Escola...
S' esta vida é pedir esmola
A façanhudos brutais
E a damas senhoriais.
Ensinar? Só se ensina a guerrear e a cantar
Aos mancebos, e às meninas
A eles por terra e por mar
A elas, no aconchego das salinhas

ESCOLA: Não sou Escola, sou só claustro
E só no claustro me ensaio
Do Mosteiro nunca saio,
Da escolástica sou o arauto
Aos muros estou confinada.

Ao Saber, estou vinculada.
Longe da vida, do fausto
Do pecado prazenteiro
Do cínico sorrateiro.
Vivo no convento alto
Dedicada por inteiro
À luz da Bíblia sagrada,
A enformar a alma, nesta caminhada.
Ah! mas' inda hei-de eu ir!...
Esgueirar-me por aí...
Não hei-de acabar aqui!
Sairei, sub-reptícia... Por casas senhoriais.
A ditar-lhes regras sociais.
E fá-lo-ei com tal perícia
Que já não haverá malícia
Nesses homens animais.
Aos meninos que aí moram
Levarei o verbo, o saber e as maneiras
Que o mundo de má canseira
Não os veja como foram.
Serão varões, gente arauta
Que estuda e toca por pauta
Hei-de ir!... hei-de ir por aí!...
Não fico fechada aqui!

PROFESSOR: No claustro eu não existo e não se ensina

Só se filosofa e se reflecte
Mas nada que ao sacro afecte!...
Serve a escrita e o erudito
P' ra só ler o que está escrito
E saber, é saber ler.
Ninguém explica o que está escrito
Nos muros de pedra e xisto
Só se trocam sacras falas
Em sussurros, nessas salas
Claro qu' há doutos, não mestres
Qu' à sombra dos ciprestes
Cogitam, falam de Deus
Mas de mim, de professor...
Não tem o claustro, maior,
Qu' os frades que lhe são seus.

ALUNO: Aluno... eu sou aluno?
O que sou eu afinal?
Sou só um vulgar mortal.
Leitor dos livros sagrados,
E ao claustro confinado.
De mosteiros desterrados
Mas não sou d' outros igual!...

D' aluno fica-me a sina
Embora já maturado,
Quase velho. Mas ensinado
A ler os textos sagrados
Que os meus anos já cansados
Aprendem, e lhe dão brado!
E do texto sábio levo
A palavra, o verbo, o credo.
Não rompo estradas do mundo,
Do claustro sou habitante.
Dos desvários distante
Posso ser nobre ou ser frade
Sou a elite, no fundo.

Ocorre-me frequentemente o seguinte: as
escadas que construí e que subi, foi a partir dos
muros que me foram sendo colocados.
Sem a paliçada... não teria tido nunca
a necessidade de construir a escada...
e talvez estivesse ainda no mesmo sítio.

A ESCOLA TRADICIONAL

Este conjunto de personagens aludirá aos fenómenos que decorrem a partir do sec. XVI - segunda metade. A ciência, o pensamento filosófico, a arte e as letras inundaram a Europa. O iluminismo depois do humanismo revolucionaram as regras do pensamento cultural e científico, e este irá transformar as finalidades da sociedade.

Não é fácil definir e até situar esse movimento profuso que foi o Iluminismo. Não foi consentâneo em todos os países da Europa, nem se expressou uniformemente em cada país.

Alguns autores consideram, que nascendo na Toscânia (sec.XIV), terá progredido ao longo do sec.XV e ter-se-á propagado no sec. XVI ao conjunto da Europa Ocidental, como um fenómeno intelectual e cultural: uma revolução destinada a confrontar mil anos de «barbérie medieval» e a retomar os esplendores da Antiguidade Clássica. Terá como concepção submersa e expressa o Humanismo, por oposição à escolástica medieval.

Emergindo em Inglaterra e na Holanda, nas últimas décadas do sec. XVII, foi-se expandindo, ao longo do sec. XVIII, por toda a Europa e até pelos países do Novo Mundo aculturados pelos europeus.



Quem é o Humanista? É aquele que estuda os antigos, mas com novo espírito, desembaraçado de preconceitos dogmáticos, movido pela curiosidade intelectual, a simpatia, a livre crítica da Razão, o amor aos valores humanos em si mesmos: a Verdade, a Beleza, a Glória.

O Humanismo expressa-se por uma lógica de pensamento antropocêntrica, concebida para a glória do homem. Mais do que uma filosofia, resulta num método de trabalho, uma doutrina de vida e um sistema educativo.

Surge a emergência do «conhecer», e de estudar... e Guttemberg em 1440, ao ter feito a descoberta da imprensa, utilizando o papel de trapo, viria a tornar possível a utilização e multiplicação do acesso ao conhecimento: os livros ficaram ao alcance de uma população cada vez maior e mais interessada em aprender. Um pouco por toda a Europa, foi sendo disseminada essa necessidade, de tomar conhecimento acerca da ciência, da descoberta, e de dar ênfase à Razão.

O que o Renascimento pôde redescobrir e repensar da Antiguidade Clássica, virá a ser a imagem que busca: o interesse pelo mundo visível, pela natureza, a alegria pura de viver e desfrutar a vida, a sede de conhecimento e de ciência. Além disto, este progressivo acesso ao conhecimento, veio dar definitivamente importância à necessidade de realização pessoal e individual, contidas até aí, pelas rigorosas concepções teocentricas medievais, que aboliam todo o conhecimento não teológico. Este fenómeno seria determinante para alterar as condições de ensino e do exercício de pensamento. Iria começar a esboçar-se o que viria a ser o movimento da intencionalidade educativa.

Só entre os sec. XVI e XVII - considera Ariés - se começou a delinear a escola como espaço formativo através da transmissão de conhecimento, e ocorrência de determinados acontecimentos. Destes, os mais marcantes, terão sido por exemplo:

o novo papel do Estado que se tornou mais interventivo, as Reformas religiosas e os movimentos de alfabetização.

Os contactos do mundo cristão com outros povos (Cruzadas) ao nível cultural e comercial, as descobertas e explorações marítimas. A apropriação destes conhecimentos, terão vindo a ser determinantes para a invenção de instrumentos como o compasso marítimo, o quadrante, o sextante, o telescópio e como se não bastasse, o concumitante contacto com os saberes de outras culturas (árabes e bizantinos), acabará por deitar por terra as antigas verdades únicas, e num movimento subtil mas progressivo, começa a defender-se o relativismo, como base do pensamento ocidental. Além disto, o desenvolvimento do comércio e das cidades comerciais, promove o aparecimento de uma nova classe social - a burguesia - nas cidades italianas e da Flandres, que aproveita e beneficia da cultura, da arte e do conhecimento, que as mensagens escritas e orais transportam. Os Descobrimentos marítimos farão de Espanha e Portugal, centros de afirmação de uma nova civilização mercantil e cosmopolita. Mas será sobretudo a produção científica que emergiu da Revolução Científica do sec.XVI, o conjunto de fenómenos que determinará o percurso formativo dos homens. Assim, a teoria heliocêntrica do movimento dos planetas de Copérnico, a lei de Galileu sobre a queda dos corpos, a síntese de Newton e mesmo a consciência filosófica emergente com o racionalismo Cartesiano, serão os factos que virão fazer a diferença. Surge a distinção entre o conhecimento e o senso comum, e conhecer significa quantificar, já que o não quantificável é cientificamente irrelevante.

Como Cottingham (1986:13) bem esclarece " a transição da perspectiva medieval para a perspectiva moderna sobre o mundo, foi um assunto demorado, gradual e extraordinariamente complexo; mas se pudermos afirmar, existir uma

geração representativa da fase central dessa transição, ela é a geração de Descartes³ e dos seus contemporâneos.”

É neste contexto histórico, científico e cultural, algo tumultuoso e difuso, que irá lentamente emergir a concepção educativa de Escola Tradicional, que acabará por corresponder também à emergência da Escola pública estatizada. No desenrolar dos acontecimentos, era preocupação desta corrente educativa, “assegurar a manutenção da estabilidade social”. Assumiu-se como um instrumento de integração social dos cidadãos, “ensinando tudo a todos”, assegurando a infalibilidade do método (ensinar com tal certeza que não seja possível não obter bons resultados), através de um ensino sólido, “instrução, bons costumes, e piedade sincera”. É o tempo do magistercentrismo, o mestre detentor e transmissor de saberes que assim reproduzia as normas da sociedade e era por esta legitimado.

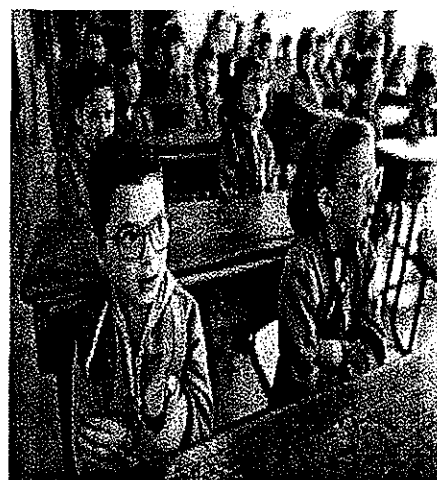
Os educadores do renascimento viriam a elaborar e defender métodos, ainda hoje actuais senão revolucionários. De uma forma lenta mas segura, alguns iluminados, irão invertendo a concepção da criança como «adulto em miniatura» e olhar-se-á para as crianças como seres bons, que existem para serem educados, no sentido de fazer desabrochar as suas capacidades físicas, intelectuais e morais. Na evolução destes conceitos, ter-se-



³ Descartes nasceu em 1596, uns cem anos antes de Colombo ter descoberto a América, uns setenta anos depois de Magalhães ter feito a viagem da circun-navegação e uns cinquenta anos depois da publicação do “De Revolutionibus Orbium Celestium de Copérnico. Morreu em 1650, uns 40 anos antes de Newton ter formulado as leis da mecânica e da gravitação universal, uns 100 anos antes das experiências de Franklin com a electricidade e uns 150 anos antes de Francis Dalton ter publicado a sua teoria atômica dos elementos (Cottingham, 1986:13)

ão destacado entre outros Erasmo de Roterdão (1466-1536) sábio renascentista, que revelou uma grande preocupação com a aprendizagem e com a escrita, e que virá a influenciar o pensamento de Juan Luís Vives (1492-1540) um pedagogo, que fez já ao tempo, propostas educacionais com recurso à psicologia. Progressivamente, Bacon (1561-1626) e Montaigne (1533-1592) entre outros, revelaram-se também pensadores pedagogos com propostas metodológicas importantes, com expoente em Coménius (1592-1670) na sua "Didáctica Magna" e finalmente Rosseau (1712-1778) com um tratado educacional, que virá a marcar a concepção naturalista e romântica da pedagogia com a obra "Emilie".

Esta corrente pedagógica pretende educar, aplicando a instrução para preservar os espíritos jovens da corrupção e promovendo a honestidade através da palavra e do exemplo: Em essência, tem como finalidade que o aluno (caixa vazia) conheça as coisas, as artes, as ciências e as línguas... mas que, depois de as conhecer (conteúdos transmitidos) pudesse repeti-las para depois as reproduzir em contextos sociais. No entanto, esta escola formal fechada, não permite que o ambiente exterior possa perturbar a vida da escola. No fundo esta escola fechada em si mesma, apelava por um lado aos valores seculares herdados, e por outro lado aos novos valores humanistas, pelo que se tornou frequente que nos muros se colocassem os retratos dos grandes Iluminados, como fonte de inspiração e motivo de orgulho.



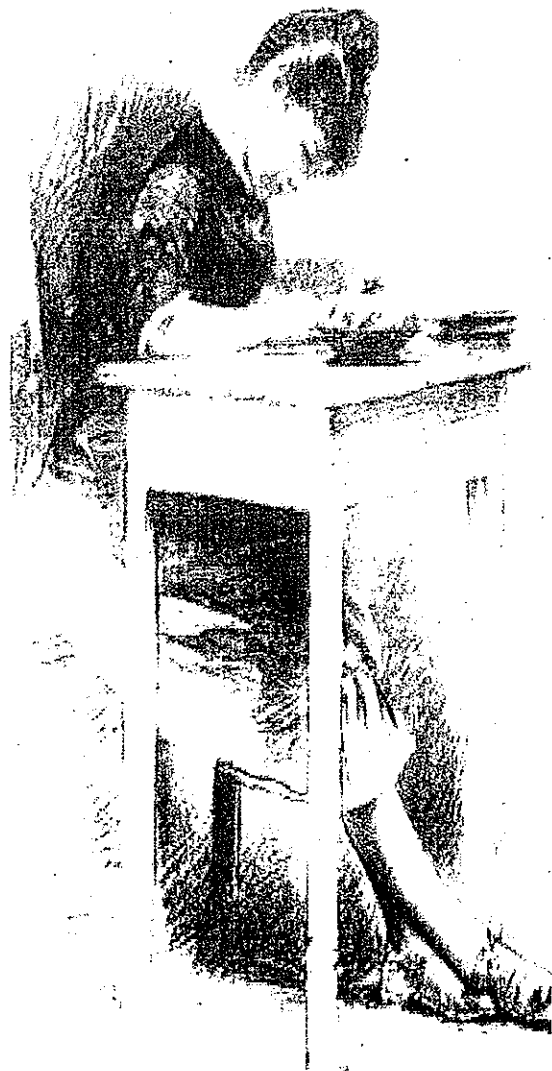
Mas nas alusões que os Jograis lhe dispensam, deixam evidente a dinâmica dessas diferenças: Por exemplo, se os homens do sec. XVII amavam a hierarquia, a disciplina e a ordem que a autoridade se encarregava

de assegurar, e sobretudo a incontestabilidade dos dogmas reguladores da vida... era este conjunto de valores era exactamente o que os iluminados do Sec.XVIII abominavam. Os primeiros assumem-se cristãos, de valores teocentricos, os segundos anti-cristãos e crêem no direito natural, no antropocentrismo; os primeiros aceitam o classicismo social e os segundos sonham com a liberdade e propagam os sonhos aos seus seguidores cronológicos.

Na verdade, nem mesmo no Renascimento, os homens rompem definitivamente com as concepções filosóficas e com o pensamento medieval... ao contrário, os homens seiscentistas rodeiam esses pensamentos e valores, reorganizam-nos e recriam-nos; tanto na arte, aplicando o expoente das culturas clássicas - através da evidência das formas, na exposição corpórea das divindades outrora cobertas - como nos maneirismos, do estar e da convivência social. O que viria a constituiu-se como novo, seria o produto da revolução científica e a aplicação das novas metodologias científicas.

Neste surpreendente amálgama de diferenças, fica instituída a Escola Tradicional que pressupõe modelos clássicos de professor e de aluno... ambos condicionados, em função das características sócio-culturais, éticas e religiosas, às quais a escola se submete.

Espera-se do mestre a austeridade e a exigência na disciplina, o saber metódico e a justiça na avaliação. Ao aluno a aplicação, a persistência no estudo, a correcção das maneiras, forte na vontade... para assimilar bem as matérias e as reproduzir, como replicador atitudinal e comportamental do professor.



A Escola Tradicional

JOGRAIS

No início, quando comecei, considerei que sabia tudo, e portanto a competência era ensinar os meus alunos.

Afinal, dei-me conta que foi necessário aprender mais do que os conteúdos... muito mais, para ser professora.

Mas estas competências foi com eles que as aprendi, pese embora não tivessem tido a intenção de ensinar-mas.

SOCIEDADE: Sou a sociedade, toda em revolução

Com um novo papel no Estado,

Uma nova intervenção.

As reformas religiosas,

O movimento de alfabetização.

Neste virar do século XVI

A ciência está em evolução:

Copérnico e o heliocentrismo,

Galileu com as suas leis,

O cheirinho a Iluminismo;

Newton com a "sua" mecânica

Propõe nova explicação.

Hei-lo! O racionalismo cartesiano:

A consciência filosófica emergente,

Com o seu discurso do Método

Que revela o logro, o engano

Em que cogitava a gente.

De Descartes?! Antes dele não havia o problema do conhecimento

É com ele que o problema começa

Do "ser" para o "ver" - é o acontecimento.

E a nova consciência assim começa,

Distingue-se o conhecimento científico do senso comum.

Conhecer é quantificar

Conhecer sem medir... não tem senso nenhum,

O não quantificável... é cientificamente irrelevante.

Agora o mundo, o Homem e o saber, seguem adiante.
Distinguem-se as condições naturais
Da lei da natureza
E os sumos doutos, entre iguais
Vão fazer o mundo revirar-se, concerteza.
A pintura, a arte, a dança e o canto
Acompanham a volta e adornam-na de encanto
Damas elegantes de folhos e sombrinhas
Passeiam em caleches e casam meninas
Os cavalheiros dividem-se entre o saber, o garbo e o salão
Que rica, que diversa, que imponente é esta geração!

ESCOLA: É neste ambiente científico, histórico-cultural
Que emerge o movimento educativo a que chamam
Escola Tradicional.
Quero ser já escola pública, estatizada
Quero ser um instrumento de integração social
Adeus, velho claustro longe da sociedade.
Sou uma escola da manutenção social
E da estabilidade.
Sou a do método, da "Didáctica Magna"
Vou ensinar tudo a todos, vou ser universal
Vou pôr "ordem em tudo" neste mundo que não estagna
Sou o método da memória, da educação e instrução.

O professor é modelo e guia do aluno
Sem isto não há evolução.
A boca do professor é a fonte de saber
E com os mesmos exercícios pode ensinar
Uma multidão
Sou do magistercentrismo
Do programa e do Professor.
Da unicidade do método,
Preservo-me à distância,
Das tentações do mundo exterior.
O aluno segue o seu mestre, na palavra, no exemplo, na postura
Que p'ra acompanhar o mundo
Há que saber estar com compostura.
Dentro de mim, ensinam mestres-escola, jesuítas e letrados
Que são homens de saber, de honra e credo
E podem assim ser o exemplo, repetidos, copiados.
Será esta Escola um logro?
Quem é senão esta escola que educa,
Que forma o povo?
É claro que a disciplina - necessária, por sinal
É desta escola uma sina
Em si mesmo, um bem e um mal.

PROFESSOR: Quem melhor do que eu, o mestre,
O detentor do saber
Pode falar, opinar e ensinar a ler?
Dizem de mim, que sei tudo
E sei tudo mesmo, o que há a saber
Leio, escrevo, conto e ensino a Ser
Fora do internato a vida é turbulência
Aqui há qu' haver método, regras e decência
Quem disser que aqui o mundo é fictício, antigo e desumano
Que se lembre que amar a Deus e a Pátria
É o nosso intento, o nosso plano.
A clausura do internato.
A renúncia e o sacrifício constantes
Formam o homem respeitável
De saberes, regras e maneiras elegantes.
Sou o exemplo a seguir, a luz, o norte
E o aluno há-de espiar-me,
Imitar-me até à morte
Está claro que só assim se pode ser honrado
E é isto que a sociedade tem,
Através de mim, legitimado

ALUNO: Qu' eu nesta Escola primeira
Só sou um «verbo de encher»

P' ra decorar, soletrar e saber a tabuada
P' ra me meterem na forma, sair formado mais nada?
E então, o coração?
A brincadeira, o recreio?
Estou farto desta carteira,
Deste martírio estou cheio!
É claro que me quero formar,
E ser um homem a sério
Mas gostava eu de dar
Algo de mim ao império!
Não m' importo de estudar,
Decorar as tabuadas
Mas que medo dos gritos,
Dos castigos, das reguadas!
Será que não haverá meio de estudar a escola toda?..
E o mundo começar a formar a Escola Nova?..

*Aprendemos com alguns Professores, apesar de
alguns Professores, contra alguns Professores.*

António Nova

A ESCOLA NOVA

Os personagens farão alusões relativas a fenómenos que se relacionam com a chamada corrente educativa conhecida como Escola Nova.

O sec. XIX foi um período de contrastes, de instabilidades, fenómenos estes que se propagaram ao longo dos primeiros 40 anos do sec. XX.

Um pouco por toda a parte, foram decorrendo confrontos e conflitos mais ou menos de intervenção armada: em 1830, e após uma revolução, Carlos X abdica; 18 anos depois, em Paris, decorre a revolução operária; outros movimentos revoltosos polarizaram Viena, Berlim e Palermo; e além destes, 4 anos mais tarde (1851), dá-se o golpe de estado de Luís-Napoleão Bonaparte; posteriormente, em 1870, em Paris, voltam os motins populares, e após 3 anos, em 1873, eclode em Espanha a revolução republicana. Mas os conflitos não pararam por aqui.

Os períodos revolucionários foram prolongando-se até ao terceiro quartel do sec. XX: em 1917 decorre a revolução soviética; em 1939 desencadeia-se a guerra civil de Espanha. Dez anos mais tarde, em 1949, desencadeia-se a revolução chinesa, e ainda no final dos anos 60 o mundo assistiu ao "Maio 68" em França. Mas o que a primeira metade deste séc. teve de mais mortífero e devastador foram as duas Guerras Mundiais: a primeira de 14-18 envolve vários países, e por isto deixa abaladas as estruturas económico-sociais e



culturais da Europa, com profundas e visíveis consequências na arte, na filosofia, na literatura e sobretudo na educação. Um pouco em consequência da primeira eclode a segunda e o mundo em geral e o europeu em particular viveu as cinco décadas mais destrutivas da Humanidade.

A Europa, envolvida nos conflitos, olha aterrada para o desencanto das cidades destruídas, das famílias destruídas, mas sobretudo para o homem capaz de tais chacinas. A necessidade de mudança na formação dos homens, pareceu emergente.

Assim no início do sec.XX, começa a esboçar-se um movimento que teve como principal característica a descentralização do Poder e do Saber, desde sempre detidos pela entidade do professor, para se conceptualizar o aluno como detentor de necessidades, interesses e capacidades próprias que deveriam ser respeitadas. Esta intencionalidade educativa rompe definitivamente, do ponto de vista conceptual, com o magistercentrismo para se centralizar no puerocentrismo.

A nova escola está em interacção com o meio que a cerca, como centro congregador de esforços, para fazer desabrochar a criança. O respeito pela personalidade da criança, fundamenta não só a defesa pela liberdade e tolerância, mas sobretudo pela adequação dos métodos, pensados de acordo com o seu próprio ritmo e estágio de desenvolvimento. O desenvolvimento harmónico e total, virão a ser as finalidades deste tipo de aprendizagem.

Para esta nova concepção educativa, muito terão contribuído as ideias do filósofo, botânico e músico Jean Jaques Rosseau (1712-1778), que como se viu anteriormente, se viria a revelar um revolucionário em matéria de educação. Foi um



crítico expressivo ao dogmatismo livresco da escola tradicional, ao enciclopedismo, em que assentava o magistercentrismo.

Já ao tempo da corrente enciclopédica da escola tradicional defendeu uma educação mais libertadora e repudiou a autoridade cega do professor tradicional e os mecanismos opressores e repressores que a sociedade em geral exercia sobre as crianças. Ao ter defendido em "Emilie", uma atitude de respeito pela livre expressão emocional e artística das crianças, expressas através da doutrina do «bom selvagem» e da natural bondade das crianças, influenciou não só os seus contemporâneos oitocentistas, como também abriu o espírito dos seus seguidores. De uma forma mais ou menos explícita, Rosseau terá fomentado no sec.XVIII, o espírito crítico, que teria dado início ao movimento das pedagogias libertárias, às quais a concepção da Escola Nova não é estranha.

Personalidades, teóricos e pensadores como por exemplo Kerschenteiner (1896, Alemanha), desenvolveram alguns esforços no sentido de reforçar esses pensamentos de Rosseau. Mas virão a ser Dewey (1859- 1952) filósofo professor universitário, Maria Montessori (1870-1952) uma médica italiana e o belga Decroly (1907-1932), pedagogo, psicólogo e médico, aqueles que com maior evidência desenvolveram trabalhos, e acabaram por implementar metodologias que deram carácter ao movimento da Escola Nova.

Dewey (1859-1952) professor universitário e defensor da democratização do processo de ensino/aprendizagem, fundou na Universidade de Chicago a Laboratory School, (1896) onde experimentou as suas ideias pedagógicas. Dewey acreditava no poder libertador da educação e considerava, que um sistema público de qualidade, era um poderoso instrumento de combate às desigualdades sociais. Era defensor da transformação das escolas em pequenas organizações democráticas, onde professores

e alunos se responsabilizariam pela organização das instituições (Marques, R. 2000: 48). Este filósofo era defensor do Trabalho de Grupo e do Trabalho de Projecto, mas sobretudo, considerava que a escola tinha um papel preponderante, na Educação dos alunos para o exercício da cidadania. Estas ideias ficaram e foram sendo implementadas... e o Trabalho de Grupo e de Projecto, dependendo das matérias em causa, são ainda hoje aplicados na maioria das escolas

Em 1907, Declory e Montessori, esta em Itália, e aquele na Bélgica, fundam escolas em que previligiam os pressupostos de liberdade e individualidade da criança.

Declory funda L'Ermitage, em Bruxelas, conhecido pelo método de ensino e da organização da leitura, em torno dos centros de interesses e de jogos educativos.

Maria Montessori fundou a "Casa dei Bambini" onde aplicou as suas ideias pedagógicas. Esta médica pedagoga, partiu de trabalhos efectuados com crianças deficientes, e uma vez registadas as etapas e métodos estabelecidos para a aprendizagem efectuada, aplicou as mesmas metodologias e estratégias em crianças normais. Nesta base metodológica, está a relação viva e interactiva da criança com os objectos, permitindo a estimulação sensorial, e por isso, o desenvolvimento dos sentidos. Nesta concepção, o educador ou animador, sempre disponível e interactivo, é muito mais o recurso



do qual a criança se serve, do que o transmissor de informações: a criança deve ser tão livre quanto o possível e o educador é um guia individual que ajuda a criança na interação com os materiais e objectos. Montessori respeita o ritmo da criança, mas não deixa de haver alguma rigidez na forma como usa e distribui os materiais, ou seja, como aplica os seus métodos.

Em Portugal, seria Faria de Vasconcelos quem daria o grande contributo para a sua implementação.

Esta Escola, por oposição às anteriores concepções pedagógicas, era uma escola nova... e também por oposição ao contributo que a escola terá tido, nos homens que fizeram as guerras, esta era a escola em que se enfatizava a educação dos alunos para o exercício da cidadania.

A alusão ao longo da apresentação dos Jograis, incide fundamentalmente, não no início do século, onde estes pedagogos estiveram presentes, mas sim e sobretudo... nos acontecimentos socio culturais da primeira metade do séc. XX, que de alguma forma foram consequência expressiva dessas concepções.



Escola Nova

JOGRAIS

Lembro-me de pensar, quão importante era que os
alunos gostassem de mim... pra aprender.

Nos últimos anos, dou comigo a pensar, que o que
é importante,

é que os meus alunos gostem de si próprios...

através dos afectos que sinto por eles.

...Reforçados no seu auto-conceito...

Os alunos constroem melhor a sua aprendizagem.

SOCIEDADE: Venho do fundo de guerras.

*Do fumo das fábricas d' operários
E na sociedade as classes batem-se como feras
Pelos princípios sociais e numerários
Qual nobreza? Qual aristocracia?
A vida sorri matreira
A tanta história d' asneira...
Só há plebe e burguesia!
Também há novo-riquismo
E pobres; não houve sempre?
Mas mesmo assim estou contente.
Há cultura e altruísmo
Há política, economia
E, enfim, uma pálida aristocracia...
Às portinhas da pobreza.
De quem será uma fatia vazia?
Do homem Novo, concerteza!
Sou feita de lutas verbais,
Calaram-se as armas já cansadas.
Mulheres lutam por direitos iguais
Crianças existem p' ra serem educadas!
Fala o mundo inteiro da social democracia
Acima o proletário!
abaixo a burguesia!
Quem comanda o mundo*

Senão quem nele trabalha?
À jorna!!!
Acima o social argumento,
Abaixo a metralha!
Make love, not war
Viva o amor,
San Francisco e a tal flor!
Ah! Liberdade, o maior e mais valor!
Sou a sociedade da música,
Da parlamentação, da poesia e da lúdica
Sou de Lennon, de Hendrix, de LSD e da balada
Sou da filosofia da liberdade,
A do tudo e do nada
Sou, enfim, a sociedade da gloria
E será como tal que ficarei na história.

ESCOLA: Sou a Escola que fez de novo
De ideias novas, o lugar do encontro
Do convívio e do debate,
Na sociedade onde estou
E na qual me confronto.
Sou factor de dinamismo cultural e social
E em mim o aprender,
Serve como função social, individual.

Qual Escola ensinante?...
Que eminência parda é essa?...
Que voltou costas ao mundo
Quando o mundo mesmo é a peça?
Para o saber adquirido, descoberto, livre, fecundo!
Abro-me alegre p' ra vida
De parceiros construída
De projectos, de estratégias!
Que de sapiências régias...
Velhinhas, pré-concebidas...
Estamos todos já cansados
Sou a Escola Nova, o futuro!
Onde pedagogo e interessados
São o Aprender seguro.

PROFESSOR: Que mestre? Que professor?
Que perguntas de oratória?
Tudo isso pertence à história.
Vivo em relação pedagógica,
Que a motivação é a lógica,
Para quem quer aprender
Quem da vida, a vida quer saber!
Já não sou predominante,
Nem bruto, nem ensinante.

Sou parceiro, sedutor
Desencadeante de processos
De condições de trabalho
Adaptado aos progressos
Que sem empatia, pouco valho!
Sou um seguidor de Rogers, de Freinet,
De Montessori,
De Illich, de Mialaret,
De Dewey, de Cousinet,
Não mais me apetece a mim
Entre aluno e saber ser o seu mediador
Ao contrário, é o saber
Que nos medeia, nos dá fim!
Do aluno sou parceiro, de projectos, caminhadas
Eu ensino-lhe as estradas
Ele é ponto de partida
P'ra construirmos o ser e o saber
Que o há-de nortear na vida.

ALUNO: Atenção eu sou o aluno, o novo, determinado
Já não venho mais à Escola
Só para ser ensinado!
Estou antes determinado
A projectar-me na vida

Que esta Escola dá guarida
Pois caminham lado a lado!!
Trago a vida aqui p' ra dentro
Construo-a em fundamento
E o mestre é meu aliado
O parceiro, o meu amigo
Vivo uma relação pedagógica horizontal
Onde actuo, executo, controlo e realizo
É nova ou não afinal
Esta Escola de juízo?

Ensinar alguém a aprender a aprender... é
também despertar nele o sentir do ofício do
aluno... colocando na nossa atitude alegria
e entusiasmo pelos conteúdos.

As tonalidades emocionais são contagiantes,
sobretudo as verdadeiras e positivas.

Nada resulta mais estimulante do que o
entusiasmo espontâneo.

Aprendi isto com os meus alunos.

PARA UMA ESCOLA PROMOTORA DE SAÚDE...

Na actualidade, parecem ser as questões ligadas ao binómio saúde / doença, as predadoras do bem estar humano a nível mundial. De facto, as circunstâncias de mudança do mundo, como aldeia global, circunscrevem aos fenómenos de saúde - ou pelo menos à constatação das ameaças que fazem perigar a sua não prevalência - as suas preocupações mais evidentes.

Voltando um pouco atrás... o Portugal de Abril, procurou com esperança no futuro, alterar a escola do seu contexto de "escola tradicional" da qual Junqueiro nos fala, e investiu nas concepções democráticas aplicadas à Educação. E isto foi delineando fortemente algumas alterações no estatuto de formadores e formandos.



Como pudemos assistir, através dos Jograis, a diminuição da assimetria de Poder/Saber entre os parceiros do Ensino/Aprendizagem, trouxe para a ribalta da Escola, novas propostas para este Processo. Surgiram novas estratégias, nomeadamente as Metodologias de Projecto, primeiro ao nível da interacção professor-aluno e depois aplicadas a nível interinstitucional.

Como um círculo que se fecha sobre si próprio, os conjuntos de medidas encontradas para resolver alguns problemas da humanidade, foram e vêm sendo cada vez mais, elas mesmas, as origens de novas problemáticas, às quais, há por sua vez, que encontrar novas medidas de resolução...

Escolas Promotoras de Saúde... Então, a Escola não é apenas Escola... ponto final?

Será que faz sentido falarmos de Escolas Promotoras de Saúde?

Desde a Escola Nova, numa concepção de abertura ao meio circundante e ao clima social e cultural envolvente, que o terreno da educação deixou de se esgotar na transmissão curricular.

Do ponto de vista social, a noção de saúde outrora centralizada na ausência de doença, remetia estas preocupações para o domínio dos serviços de saúde, cuja finalidade se focalizava na diagnose, prognose e tratamento dos fenómenos patológicos.

Com a lei de Ricardo Jorge de 1901 [in PPES, Educação e Saúde, 1995, nº38 (modsaesc. Doc.)] ao ter sido criado o Serviço de Sanidade e Construções Escolares, e aplicando-se o modelo epistemológico de então, foi a proposta legal às necessidades encontradas. Entre 1926 e 1950 institucionalizou-se a Medicina Escolar, e a partir de 1971, criaram-se os serviços de Medicina Pedagógica do ME e da Saúde Escolar no MS, em cujos espaços, foram fortemente enfatizadas as potencialidades dos professores, como protagonistas de atitudes e transmissores de conteúdos promotores vida saudáveis.

Mas continuamente, novos desafios se colocaram: a partir dos anos 70 e 80 do sec. XX reservaram-se à Escola novos protagonismos tendo em conta as realidades socioculturais, com as quais já se houvera comprometido.

Por um lado, desencadeiam-se movimentos migratórios de jovens e adultos a nível laboral e académico, que afastados dos núcleos familiares e utilizando as liberdades sócio políticas absorvidas, se tornaram consumistas de todos os produtos mais ou menos saudáveis, em ambientes urbanos para os quais estariam pouco preparados... por outro, emergem alguns pólos de insalubridade social e habitacional, que acabariam por se expandir de forma perigante, em bairros degradados e de

natureza descontextualizada pela falta de emprego e condições de subsistência digna.

O facto é que nos anos 80 e 90 o país se vê a braços com uma nova dimensão de acção: é necessário não só prevenir as doenças em grupos de risco determinados, mas também impedir que estas ocorram em populações que estão ainda saudáveis.

Para isto, havia que preparar precocemente as gerações vindouras. Começou a revelar-se a importância da saúde em contextos escolares.

Esta nova intencionalidade educativa, definiu-se (Carta de Ottawa, 1986) como “um processo que visa criar as condições, que permitissem aos indivíduos e aos grupos, controlar a sua saúde, a dos grupos onde se inserissem, e agir sobre os factores que a influenciasses”.

Desta realidade conceptual, emergiram os processos promotores de saúde, desenvolvidos em contextos de educação. Estavam criadas as Escolas Promotoras de Saúde, (EPS).

No entanto, e pese embora todo o esforço desenvolvido, os agentes educativos e sociais, permaneceram mentalmente ligados àquele conceito de saúde, outrora cristalizado em ausência de doença, que mantinha fortemente redutoras as iniciativas teóricas académicas, no sentido de se aprender a ser promotor da sua própria saúde. A sociedade em geral, foi continuando a manter-se suficientemente, dependente dos serviços e técnicos de saúde... e manteve mais a atitude curativa da doença do que a preventiva, e menos ainda a promotora de saúde.

No sentido de produzir efeitos de inversão no processo - considerando que, mesmo com um diagnóstico de doença, qualquer pessoa poderia ser activa e útil desde que para tal, encontrasse o seu próprio percurso de vida e se identificasse com ele - Christoph Djours viria também posteriormente a conceptualizar a noção

de saúde, [PES, 1995 / N.º 38 (modsaesc.doc)], como sendo “a capacidade de cada Homem, mulher ou Criança para criar e lutar pelos seu projecto de vida, pessoal e original, em direcção ao bem-estar”.

Com esta nova concepção, expandiu-se e deslocou-se mais o locus da responsabilidade, dos espaços e serviços de saúde também para os de educação... mas para o centralizar no cidadão, anónimo, e responsável pela sua vida.

Não só por isto mas também, assume-se cada vez mais uma nova concepção para a noção de educar, e desta emerge um volte-face nos papéis socio-educativos e culturais da escola.

É claro que formadores e professores continuaram a focalizar-se e a preocupar-se com os resultados de aprendizagem, tal como o treino da sua atitude como pessoa promotora de saúde. Mas os insucessos escolares persistentes, nalgumas franjas populacionais destas comunidades educativas, parecem traduzir uma nova e alarmante deficiência, na qual parecem estar implícitas, também as competências sociais necessárias ao Projecto de Vida (Christoph Djours, 1995 - PES), explícitas em comportamentos desajustados dentro e fora da Escola.

De facto, a construção do seu Projecto de Vida ou Projecto de Si, exigia ao sujeito, a capacidade de tomada de decisões, em liberdade, com conhecimentos fundamentados, com sentido de responsabilidade e com autonomia, cujos limites só seriam a liberdade e a autonomia dos outros.

Foi pela necessidade de adquirir estas competências, que se centralizou na Educação, o início do Processo da Promoção para a Saúde. De que competências se trata? São naturalmente competências sociais (Lesne, 1976, in Navarro, 1995) de carácter afectivo, cognitivo, sensorial “que permitam ao indivíduo relacionar-se positivamente com o meio”.

Em que Escolas se desenvolveriam estas competências?

Em Escolas Promotoras de Saúde (EPS), usando como fio condutor as suas dimensões: Curricular, Social, Ecológica e Comunitária, e como ponte de intra-formação, o professor interactivo, parceiro, ou seja o sujeito animador para o desenvolvimento (Williams et al. 1990; Nutbeam et al, 1991; Poulizac, 1990; Hurrelmann et al. 1995).



Curiosamente, as perigosas disseminações pandémicas víricas, têm como veículos de maior propagação, a rápida e acessível rede de transportes inter países e inter continentes, que foi outrora a solução encontrada (que ironia) para diminuir as distâncias. Por exemplo, as cidades dormitório, agora problemáticas, foram as medidas equacionadas para dar resposta ao desenvolvimento demográfico, que acompanhou o também emergente desenvolvimento que acompanhou a revolução industrial, e assim, há como que todo um desenrolar de fenómenos novos, que potencializam novas problemáticas.

Estas questões devolvem ao tempo de formação, e portanto à escola, o tempo de formação adaptativa, interactiva, no sentido de entender e confrontar estes novos problemas, e saber pensá-los de modo racional no sentido de soluções novas e menos problematizadoras.

Este é justamente o ponto em questão, e a razão pela qual se pensaram as

Escolas como Comunidades Educativas e especificamente, educativas em saúde.

De tal pertinência emergiu o conceito de Escolas Promotoras de Saúde.

Actualmente, ao perspectivar-se a Escola como unidade formadora e informadora de atitudes e comportamentos promotores de saúde, respondendo a todo um conjunto de medidas governamentais inter países (Carta de Ottawa), e deslocando definitivamente o eixo de responsabilização da Saúde, das instituições de Saúde para o sujeito em formação, é o constatar de um facto sem precedentes: a escola tem uma responsabilidade acrescida.

É portanto uma escola de um paradigma emergente.

Que respostas se encontraram já, para as suas finalidades?

Que novos percursos a esperam?



Escolas Promotoras de Saúde

JOGRAIS

Não me parece grande coisa, vir a ser
recordada como uma pessoa boa, quando
deixar a escola.

A mais valia, é ter tido as coragens para
deixar uma escola melhor.

SOCIEDADE: Rumo ao século XXI, o que sou eu?

Um mundo crente ou ateu?

O tecido humano que me encorpora...

O que namora agora?

O mau odor dos rios e dos mares

O feio nas paisagens e as lixeiras nucleares

É por engano... ou há atraso no plano?

Os meninos de ontem o que são?

Homens maduros, ou amargurados?

Livres, presos, ou a ideias acorrentados?

E as mulheres, já são livres, soltas, francas?

E as mensagens dos decretos

Já são transparentes, brancas?

E as classes sociais já estão todas igualadas?

Ou contestam leis, já mil vezes contestadas?

E as crianças, já estão todas educadas?

Ou crassam pelos becos, de pão e amor esfomeadas?

E a guerra que motila, já acabou?

Ou continua instalada?

E a fome, a pandemia, a solidão, a droga,

Continuam de mão dada nesta estrada?

E a música, a arte, o ócio, o amor,

Já são majoritários?

Ou não?

Ou são dos outros partidários?

*E as sociedades, já são estáveis?
E os meninos do Homem Novo, já são saudáveis?
Ou não?
Serão já estandartes do agora,
A paz, a saúde, a educação?
Ou foram ultrajados e caíram ao chão?
Eu que sou agora feita, de homens de saúde,
Não seria esperável que fosse
Uma sociedade solidária e de virtude?
Onde está o logro, o engano de formação
Onde recomeçar... para que em mim se note
Essa exemplar e saudável educação?*

*ESCOLA: Sou uma Escola nova ou estou envelhecida?
Educo na Escola ou educo na Vida?
Sou a formadora de homens novos?
Ou conduzo à Cultura as culturas dos povos?
Emergi para criar cidadãos capacitados,
E, erguida sobre os sonhos derrubados...
De todos os domínios da saúde curativa,
Aqui estou, para nutrir de saberes de vida
Os anónimos... que a si mesmos se vêem formar
Em construção dum Projecto Singular
O Projecto de Si, único, irrepitível*

Qu'o Homem que a Si se vence, é invencível !
Mas... Instalada nesta sociedade,
o que sou de verdade?
Formo p' ra autonomia, ou isto é pura utopia?
E a educação?... É igual a liberdade?
Ou não estou' inda à vontade...
P' ra dizer bem o que sou?
P' ra onde quero eu ir?
É p' lo caminho que vou?
Na Rodanço do tempo... que caminho tomei?
Investi na produção do Homem Novo
Produtor de uma nova consciência
Humanista, interactiva, transparente e afectiva,
No Homem solidário!
Então porque teimam os jornais
Em noticiarem o contrário?
O que me resta a mim, à Escola ?
Que novos saberes podem ainda os estudantes
Esperar espectantes...
Para levarem pr'à Vida na sacola?

PROFESSOR: Sou professor, companheiro

Orientador, parceiro

Sou tecido de confluência das novas ideologias:

Já não transmito... eu abordo as temáticas
Através de estratégias interactivas, simpáticas,
E rodeando o currículo permanente
Chamo à ribalta a saúde emergente
Da sexualidade, da sociabilidade,
(impensável no meu tempo, nessa idade...)
Exemplifico, chamo a atenção, replico
Volto ao tema nas "abertas" da lição.
Respondo ou não pela educação?!
Cumpro o currículo para dar a formação!
Ou será que não?...
Não será qu'inda me falta
Um pouco a vida que salta
Fora da sala de estudo?
Quisera que a vida viesse
E com ela trouxesse
A Vida... que em si é tudo.
Digam vós, ó lá de fora
Porque a vida, é em vós que mora
Sem vosso alento, sou mudo.
Algo me falta, será tempo ou paciência...
Ou me faltaram a mim,
N'o aluno que fui outrora,
Estas temáticas novas
Pelas quais luto eu agora.

Dizei vós qu'em mim mandais, o que devo cumprir mais
Se prossigo, no respeito que aprendi
Ou se "me aprendo" no aprender,
Qu' é de uso agora aqui...
Eu continuo, como sempre vida fora
Professor, parceiro e construtor...
Da saúde ... sim senhor!

ALUNO: Sou criança e adolescente
Sou já adulto, sou gente
Todo Eu pode ir à Escola
Tenha 10 ou 30 anos
Sou arguto de pesquisa
"Estudador" desta vida.
Posso ser adolescente,
Estar a aprender a ser gente
Com nova concepção coerente e reflectida,
De alma sã em corpo sã
Numa atitude sadia de vida.
Mas será qu' estou contente?
C'os saberes curriculares?
Ou não?...
Será que mudou o mundo
Com o mudar dos manuais?

Ou foram só as intenções?
E os homens continuam, com as mesmas ambições...
E não puderam mudar de rumo.
Será que mudaram já as relações
Das paisagens sociais das nações?
E na Escola?... marco encontro
Com os saberes familiares?
Que apelos me faz, a sociedade que me rodeia?
Será ela mesma, cumpridora da "paideia"?
Em que sentidos é arrastada a minha curiosidade?
Pelo prazer fácil, ou pela verdade?
Onde encontro na vida exemplificado,
O que na escola me é ensinado?
Qu' iniciativa, que formação
Me dá esta Educação?

Concluindo...

Esta apresentação em forma de Jograis, foi a estratégia escolhida para se fazer uma retrospectiva reflexiva da Escola através dos tempos, mas sem deixar de olhar para o que os tempos trouxeram à escola.

Como se pôde assistir, houve todo um percurso de espaços e de tempos, em que foram decorrendo mudanças mais ou menos drásticas, mas sempre pensadas para se solucionarem problemáticas. Mas a ironia do percurso do tempo, veio também revelando, que as soluções de uns tempos passaram a constituir as problemáticas dos tempos novos.

No entanto, foi sendo sempre perceptível uma intencionalidade desenvolvimentista, no sentido de preparar as gerações, ao encontro dos valores e concepções que os Direitos Humanos defendem. Além destes, foram sendo acrescentados ao espaço escola outros compromissos. Um exemplo deste fenómeno é a concepção de formação das EPS.



A este Paradigma desenvolvimentista está implícita uma intencionalidade educativa, de «sentido de cidadania». Ao devolver aos cidadão a responsabilidade sobre a sua saúde, as Escolas Promotoras de Saúde, apostaram fortemente na credibilidade, de que qualquer anónimo, cidadão, pode e deve, partindo de formação fundamentada, tomar parte das decisões relativas acerca da sua saúde, seja a nível

pessoal, da comunidade... ou ambiental.

A escola fica perplexa. Sem passado para comparar as mudanças, sem modelo pedagógico para inserir esta responsabilidade operacionalizada, é necessário, dar de novo tempo ao tempo, para avaliar e redefinir estratégias. No entanto toda a conjuntura mundial vai dando sinais mais ou menos evidentes de que é necessário estar atento e insistir, prosseguir educando.

Independentemente das problemáticas e constrangimentos, à Educação compete-lhe educar, aos formadores compete formar.

Não lhes compete ficar indiferentes, aborrecer-se e desistir. O trabalho mais válido do presente é o de preparar o futuro, já que nem as presentes nem as gerações vindouras lhe escaparão. O futuro espera-nos, esta é a inegável realidade...

Por todos os motivos, pode ser emergente a construção desta reflexão. Independentemente do que mostram os Jograis, há todo um conjunto de questões que podem ser evidenciadas, reveladas... no sentido de deixar em aberto o diálogo acerca de alguns momentos que a escola viveu e vive, sua pertinência e conclusões, e que poderão servir como pontos de reflexão, para a intervenção do e no futuro.

Pensa-se que o tempo/espço escola, será o indicado para potencializar cada pessoa que por ela passa, como auto-responsável, e capacitado para manter a sua saúde física, psicológica, social, cultural e espiritual, em interacção dinâmica e participada com a comunidade em que está inserida, ao nível dos seus micro e macrosistemas.

Todos os que se constituem como parceiros na Escola actual, poderão reflectir sobre os desafios, e sobre o papel de cada um - professor, educador, formador, animador - como construtor do presente e do futuro da Humanidade.

Mas, e não menos comprometida, é também importante a atitude dos que se

constituem como parceiros da Escola e estão fora do seu espaço no quotidiano. Os produtores do Sistema Educativo a nível central e regional, os pais, as Instituições paralelas à escola nos espaços regionais, os anónimos pares sociais, e enfim... todos aqueles que de uma forma ou de outra, podem ou não reproduzir no exterior à escola, no tecido social, o que na Escola os estudantes aprendem.

Nesta construção mental de causas e consequências, muito poucos ficam de fora. Cabe a todos intervir e comprometer-se.

Talvez com trabalho sério, acrescido, desenvolvido a partir de um plano concebido a nível multidisciplinar, em que a transversalidade de saberes congregue em si, a energia suficiente para diminuir ou anular os fenómenos predadores, em que se consomem as gerações que ensinamos a Ser. Porque é de Ser, e do Ser que se trata.

Talvez o trabalho seja pesado, ou talvez não. Mas seguramente mais pesada é a culpa. A culpa que emerge da consciência de quem actualmente percepção o quanto e o como o futuro está em risco. A culpa por não termos assumido as responsabilidades que nos competem: antecipar os estímulos socio-culturais do prazer fácil, e comprometermo-nos numa educação-processo para as competências pessoais, em que a partir delas, o formando pode assumir escolhas fundamentadas.

Não será uma culpa, no seu conceito de intenção negativa. Mas talvez porque nem sempre usamos toda a nossa energia técnica, social e afectiva no desenrolar da formação, possamos pensar a posteriori, no quanto e como poderíamos ter dado de nós e não demos.

Aí, algures num futuro pouco distante, poderá surgir algo... como um sentimento de frustração... de desamor... e quem sabe, possamos sentir que de uma forma ou de outra, é a nós - aqueles a quem coube o processo de educar, encaminhar... ajudar

a Ser - que será remetida, ou não, a imagem de fracasso. E então, tal como "o agora" faz com as escolas "do ontem", virá "o amanhã" reflectir acerca da "escola do agora" e analisar estudadamente os contextos de vitórias e fracassos.

O tempo levará consigo as imagens das paixões pessoais, das interacções e das mais valias do momento. Vista à distância cronológica, esta escola será analisada sob olhar meticuloso de quem estuda os factos. Porque são os factos (mais do que as intenções) o que constroi a História. Na rolança do tempo a escola actual será registada e reconhecida mais pelas práticas do que pelos projectos... mais pelo produto humano que formou do que pelo que concebeu. Mas mesmo isto é pouco relevante. O fundamental é o capital de sofrimentos e inversões no processo desenvolvimentista, que esta desatenção poderá causar à Humanidade. Por isto todos somos responsáveis.

Independentemente da intencionalidade educativa na concepção dos currícula, do empenho pessoal, e profissional dos professores, da formação dos alunos, das problemáticas sociais, dos constrangimentos culturais e decisões sócio-políticas, o futuro verá essas responsabilidades.

Eis porque cada um de nós não pode agora omitir-se. O futuro dará uma visibilidade clara a essa omissão. E então ficará em aberto a questão da omissão às responsabilidades, e portanto da culpa. Inconsciente, de boa fé, irreverente, mas culpa. Não dos professores, nem de um grupo social, nem de uma comunidade. Não. Culpa de todos aqueles a quem a escola diz respeito. Queiram ou não, sintam ou não.

É claro que a escola continua. Numa concepção já não tradicional, menos formal... mais nova do que nunca, em busca de uma formação saudável e afectiva.

Oa parceiros permanecem. Trabalham. Sempre. Mas falar de finalidades, de certezas... isso pertence à rolança do tempo.

POSFÁCIO

Para a minha Professora

Apresso-me a felicitar a autora, Dra. Augusta Branco, em primeiro lugar pela obra maravilhosa que todos temos oportunidade de deliciar, e em segunda instância, pela maneira brilhante como a sua personalidade se impôs, ao respeito de uma sociedade tantas vezes má e isenta de sentimentos de justiça.

É um facto, que hoje em dia nos deparamos a considerar a natureza da própria prática educativa, tendo em conta o carácter evolutivo da actividade e o processo de ensino-aprendizagem.

Torna-se necessário transformar a educação, as práticas educativas e docentes num modelo dinâmico de ensino. É urgente um ensino dinâmico, inovador, moderno e que caminhe em direcção a um público que corresponda às expectativas de todos esses modelos.

Se por um lado constatamos que a Escola actual está longe da construção ideal de uma sociedade, observamos também, que esta, através de sucessivas intervenções de que vem sendo alvo - não só ao nível sócio-político-cultural, mas também conceptual e filosófico - se aproxima cada vez mais de uma Escola humanista cognitivista.

Ao tomar contacto com a autora como docente, fácil se torna aos nossos olhos absorver a dinâmica transcendente, com a qual transfere para o educando a

responsabilidade da sua construção. Todo este fenómeno acontece numa dança frenética de quem ama este conjunto de processos de transferência de saberes e refinar de mentalidades.

Autopsiando a pessoa de quem falo, cada vez mais se intensifica em mim, a ideia de que o saber continua a não poder medir-se com a linguagem ou escrita, pois se assim fosse muito teria a autora para escrever, ou para nos dizer.

Considero haver duas ocasiões nas quais o Homem nunca deve ter medo, quando não o tem e quando o tem. O acto corajoso de ser como é, faz de si uma pessoa autêntica, que em circunstância alguma depende do êxito para ser mais.

Na qualidade de aprendiz de feiticeiro e fazendo uso de uma visão simplista das coisas, ocorre-me a ideia de que uma pereira não dá melancias.

De facto reconheço na Dra. Augusta Branco qualidades de uma pessoa única. Aqui simplesmente reflecto e afirmo que, se cada um de nós é um ser único, pois bem, então a Dra. Augusta Branco é um pouco mais única do que todos os outros únicos que são únicos.

Uma vez mais, sinceros parabéns por mais esta estranha viagem. Estranha porque a senti diferente.

Tito Fernandes

Estudante da ESEnf.Br., finalista da Licenciatura
em Enfermagem
23-05-2002

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ABRAMI, P.; LEVENTHAL, L.; PERRY, R. 1982. Educational Seduction. Review of Education Research, 52 (3): 446-448.
- ARÉNILA, L. et al. 2001. Dicionário de pedagogia. Lisboa Ed. Piaget, 15 BN: 972-771-483-8.
- ANTONOVSKY, A. 1995. Orientação Salutogénica da Promoção da Saúde. Traduzido e adaptado de Health Promotional Internacional; 11, (1996), 1: 13-17.
- BRONFENBRENNER, U. 1993. The Ecology of Cognitive Development: Research Models and Fugitive Findings. In Wozniak, R.H. e K. W. Fisher (eds.). Development in context. Acting and Thinking in Specific Environments. Hillsdale. Laurence Erlbaum.
- CAMPOS, B.P. 1992. A Formação Pessoal e Social na Reforma do Sistema Educativo. Porto; S.P.C.E., 13-23.
- COTTINGHAM, J. 1989. A Filosofia de Descartes. Ed. 70, Lisboa, Dep. Leg. 28306
- GAL, R. 2000 - História da Educação, Veja, 4ª Ed. Alpiarça, ISBN: 972-699-082-3
- HURRELMANN, K; LEPPIN, A.; NORDLOHN, E. 1995. Promoting Health in Schools; The German exemple. Health Promoting International, Vol.10: 121-141.
- LÉON, A. 1983. Introdução à História da Educação, Dom Quixote, Lisboa
- MARQUES, R. 1998. A Arte de Ensinar: Dos Clássicos aos Modelos Pedagógicos Contemporâneos. Lisboa: Plátano Ed. 1ª Ed. ISBN: 972-707-189-9
- MARQUES, R. 1999. Modelos Pedagógicos Actuais. Lisboa: Plátano Ed. 1ª Ed. ISBN: 972-707-239-9

- MARQUES, R. 2000. *Dicionário Breve de Pedagogia*. Lisboa: Ed. Presença, 1ª Ed. ISBN:972-23-2574-4.
- MARQUES, R. 2001. *História Concisa da Pedagogia*. Lisboa: Plátano Ed. 1ª Ed. ISBN:972-707-307-7
- MAUCO, G. 1997. *Psicologia e Educação*, 5ª ed. Lisboa. Moraes.
- NAVARRO, F. 1995. *Modelos de Intervenção em Saúde na Educação escolar e nos Ensino Básico e Secundário*. Simpósio: *A Educação para a Saúde-O Papel da Educação Física na Promoção de Estilos de Vida Saudáveis*. E.S.C. comunicação Social. Lisboa.
- NEILL, A.S. 1960. SUMMERHILL, New York, Hart Pub. Company.
- NEVES, P, A. 1996. *A Escolarização dos Saberes Elementares em Portugal nos Finais do Antigo Regime (1772-1820)*. Porto: Gabinete de Publicações do Instituto da Maia. Dep. Leg. 103830/96
- NUTBEAM, D. et al. 1991. *Youth Health Promotion from theory to practice in School and community*. Forbes publications. ISBN 0 - 901 - 762 - 83 - 0.
- PESTANA, C. 1995. *A Educação para a Saúde no Sistema Educativo num Quadro de Mudança*. In *Jornadas Regionais do Projecto Viva a Escola; Programa de Promoção e Educação para a Saúde*, M.E.
- POULLIZAC, H. G. 1990. *Education et Prevision - L'apprentissage de la Santé*. Rev. Française de Santé Publique.
- RIBEIRO, J. L. 1998. *Psicologia e Saúde*. Lisboa: ISPA. ISBN: 972-8400-07-1
- RESWEBER, JP. s/d. *Pedagogias Novas*. Lisboa: Ed. Teorema. 2ª ed. ISBN: 972-695-226-3.
- SANTOS, B.S. 1998. *Um Discurso Sobre as Ciências*. Lisboa: Ed. Afrontamento, 10ª Ed. ISBN: 972-36-0174-5

- SUCHODOLSKI, B. 2000. *A Pedagogia e as Grandes Correntes Filosóficas*. Lisboa: Livros Horizonte, 5ª ed., ISBN:972-24-0610-8
- TAVARES, J. et al. 1994. *Para Intervir em Educação - Contributos dos Colóquios CIDInE*. Aveiro. Ed. CIDInE.
- WHO - Ottawa Charter for Health Promotion. 1986 An international conference on Health Promotion. The move towards a new public health. Ottawa. Nov. 1986.
- WILLIAMS, T., ROBERT, Y. and HYDE, H. 1990. *Exploring Health Education in Teacher Education*. Macmillan.
- YOUNG, I. and WILLIAMS, T. 1989. *The Healthy School*. Scottish Health Education Group, Who Report ISBN 0 - 906323 - 68 - 1.

REFERÊNCIAS ICONOGRÁFICAS

Para a 2ª Fig/p.22; 1ª Fig/p.19 e 3ª Fig./p.25 do texto deste livro, foram utilizadas as imagens de:

DUBY G. et PERROT M. 1993 - História das Mulheres. A Idade Média. Porto: Ed Afrontamento, 476ª Ed. ISBN: 972-36-0319-5, Pp: 236, 355, 385

Para a 7ª Fig./p.39; 5ª Fig./p.36 e 4ª Fig./p.33 do texto deste livro, foram utilizadas as imagens de:

DUBY G. et PERROT M. 1994 - História das Mulheres. O Século XIX. Porto: Ed Afrontamento, 528ª Ed. ISBN: 972-36-0352-7, Pp: 127, 233, 287.

Para a 8ª Fig/p. 47 do texto deste livro, foi utilizada a imagem de:

DUBY G. et PERROT M. 1995 - História das Mulheres. O Século XX. Porto: Ed Afrontamento, 665ª Ed. ISBN: 972-36-0393-4, P 488.

Para a 9ª Fig/p. 48 do texto deste livro, foi utilizada a imagem de:

Publicação em Separata de Público: PÚBLICA. 2001.09.

Para a 10ª Fig/p.50 do texto deste livro, foi utilizada a imagem de:

Publicação em Separata de Jornal Público: PÚBLICA. 2001.10. "Êxitos de Bilheteira"

Para a 11ª Fig/p. 61 do texto deste livro, foi utilizada a imagem de:

Publicação Mensal MÁXIMA. Ano 14,nº160, p.45. Publicidade: Paco Rabanne

Para a 13ª Fig/p. 67 do texto deste livro, foi utilizada a imagem de:
Publicação Mensal MÁXIMA. Ano 13, nº153.p.36. Rúbrica: "Palcos e Arte"

Para a 14ª Fig/p.75 do texto deste livro, foi utilizada a imagem de:
Publicação VIVER.e Saúde. Ano 4, nº50, 2002.03, p 108

Este livro foi pensado para aqueles a quem a escola e a educação tocam particularmente. Através de uma apresentação de Jograis, poderemos olhar para a escola, a escola de sempre nos seus contextos e constrangimentos.

Independentemente das problemáticas e constrangimentos, à Educação compete-lhe educar, aos formadores compete formar. Não lhes compete ficar indiferentes, aborrecer-se e desistir. O trabalho mais válido do presente é o de preparar o futuro, já que nem as presentes nem as gerações vindouras lhe escaparão. O futuro espera-nos, esta é a inegável realidade...

Todos os que se constituem como parceiros na Escola actual, poderão reflectir sobre os desafios, e sobre o papel de cada um - professor, educador, formador, animador - como construtor do presente e do futuro da Humanidade. Mas, e não menos comprometida, é também importante a atitude dos que se constituem como parceiros da Escola e estão fora do seu espaço no quotidiano.

Aos produtores do Sistema Educativo a nível central e regional, aos pais, às Instituições paralelas à escola nos espaços regionais, aos anónimos pares sociais, e enfim a todos aqueles que de uma forma ou de outra podem ou não reproduzir no exterior à escola, no tecido social, o que na escola os estudantes aprendem.